

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**O Jornalismo de Divulgação Científica e a Constituição do Lugar Enunciativo da
*Superinteressante***

Renata Ferreira dos Santos Rocha

ORIENTADORA: Prof^a. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira

**UBERLÂNDIA
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
CURSO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

**O Jornalismo de Divulgação Científica e a Constituição do Lugar Enunciativo da
*Superinteressante***

Renata Ferreira dos Santos Rocha

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia para obtenção do título de Mestre em Lingüística, sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira.

**UBERLÂNDIA
2007**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a **Deus**, por sempre ter me dado esperança e não ter deixado minha alma se abater.

À **Professora Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira** pela acolhida na orientação, pela confiança, pela presteza intelectual em indicar os caminhos e pela doçura e, ao mesmo tempo, competência, com que conduziu nossos encontros e meu percurso.

Também agradeço aos professores **Cleudemar Alves Fernandes** e **Marina Célia Mendonça**, por aceitarem ler este trabalho.

Ao meu marido, **Marcelo**, pelo companheirismo e compreensão; por ter ouvido meus desabafos, presenciado e entendido meus silêncios. Enfim, por ter me acompanhado em todos os momentos dessa caminhada. Na realidade dessa luta, nos méritos dessa conquista, há muito da presença dele.

A meus pais, **Antônio e Maria Conceição**, pelo apoio incondicional a todos os meus sonhos e projetos e pelo amor a mim dedicado.

Às minhas irmãs, **Juliana e Adriana**, pela amizade, pela paciência de saber ouvir, pelo afeto e pelo incentivo.

Agradeço aos meus pais, às minhas irmãs e ao meu marido por acreditarem em mim e por acompanharem minha vida de modo tão dedicado e afetuoso.

Para meu marido, Marcelo.

RESUMO

Essa dissertação pretende mostrar como se dá a constituição do lugar enunciativo da *Superinteressante* no campo discursivo de divulgação científica apontando para o modo como a revista se posiciona em relação às polêmicas instituídas no espaço discursivo em que se discute a temática de manutenção (ou não) da vida humana, no campo do jornalismo de divulgação científica. A partir da noção de gênero de discurso de Bakhtin (2003), traçar algumas considerações sobre o gênero reportagem de divulgação científica, a fim de caracterizar, de maneira minimamente satisfatória, as instâncias reguladoras do *corpus* de análise, buscando mostrar como as polêmicas são postas em cena nas reportagens por meio do discurso relatado. O intuito é verificar de que modo e em que medida a revista não se posiciona de forma neutra frente aos temas tratados, apesar de buscar incessantemente construir uma imagem de si como mera mediadora das questões abordadas, o que produz o que chamamos de efeito de posição de neutralidade. O *corpus* é formado por três reportagens de capa da revista: *Afinal, o que está acontecendo com a medicina?* (Ano 15, n. 5, maio/2001), *Vacinas: a cura ou a doença?* (Ano 15, n. 2, fevereiro/2001), e *Eutanásia* (Ano 15, n. 3, março/2001). A fundamentação teórica está alicerçada nas formulações de três autores – Bakhtin (1986 / 1929), Authier-Revuz (2004) e Maingueneau (1997; 2005), mais especificamente, nas noções de dialogia, heterogeneidade enunciativa e interdiscurso. A abordagem do *corpus* se dá a partir da noção de polêmica constitutiva apresentada por Maingueneau (2005).

Palavras-chave: divulgação científica, lugar enunciativo, gêneros de discurso, polêmica discursiva.

ABSTRACT

This dissertation intend show how happen the constitution of the enunciative place from *Superinteressante* in the speech field of spready scientific detaching the way how the magazine position itself in relationship to the controversies set up in the speech feeld in what discuss the thematic of maintenance (or no) of the human life, in field of the journalism of spready scientific. From the notion of speech type from Bakhtin (2003), draw a some considerations about the report type of spready scientific, en the order to characterize, of way tining satisfactory, the regular instancity of the corpus of analysis, searching show how the controversies are placeds in scene in reports for the related speech. The purpose is verify how and in what measure the magazine don't itself position of impartial way in front of the discuss themes, in spite of fetch tirelessing construct a itself image how simple mediator of the approach questions, producing the what we call effect of position of neutrality. The *corpus* is form for three reports of cover from magazine: "In the end, what is happening with the Medicine?" (Year 15, n. 5, May / 2001), "Vaccines: the cure or the illness?" (Year 15, n. 2, February / 2001), and "Euthanasia" (Year 15, n. 3, March / 2001). The theoritical base is foundation in formulations from the three authores: Bakhtin (1986 / 1929), Authier-Revuz (2004) e Maingueneau (1997; 2005), more specific, in the notions of the "dialogia", enunciative heterogeneity and interdiscuss. The approach of the corpus happen from the notion of controversie presentation for Maingueneau (2005).

Words – Key: spready scientific, enunciative place, types of the speech, speech controversie.

SUMÁRIO

1. Resumo	04
2. Abstract	05
3. Introdução	08
1.1 A que viemos	09
1.2 Objetivos, base teórica, <i>corpus</i> para análise e metodologia	09
1.3 O desenvolvimento do trabalho	11
2. Capítulo 1: Fundamentação Teórica	13
2.1 Mikhail Bakhtin	14
2.2 Jacqueline Authier-Revuz	18
2.2.1 Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva.....	18
2.2.2 O dialogismo do Círculo de Bakhtin	20
2.2.3 A Psicanálise	22
2.2.4 O discurso constitutivamente atravessado pelo discurso do “outro”	24
2.3 Dominique Maingueneau	27
3. Capítulo 2: Pressupostos Metodológicos e <i>Corpus</i> para Análise	35
3.1 Pressupostos Metodológicos	36
3.2 Considerações sobre a abordagem do <i>corpus</i>	37
4. Capítulo 3: O Jornalismo de Divulgação Científica e a <i>Superinteressante</i>	40
4.1 A divulgação científica	41
4.2 Sobre a revista	46
5. Capítulo 4: Análise das Reportagens: a construção do efeito de neutralidade	50
5.1 Uma visada sobre o <i>corpus</i>	51
5.2 A análise	52

7. Considerações Finais	61
8. Referências Bibliográficas	64
9. Referências Bibliográficas Complementares.....	67
10. Anexos	70

INTRODUÇÃO

1. A que viemos

Como aponta Possenti (2004), falar em discurso não é uma tarefa muito fácil, já que essa noção é empregada com acepções muito diferentes; do mesmo modo, falar em “análise do discurso” também não é uma tarefa menos complicada, visto que essa expressão é tratada como correlata da palavra anterior. No entanto, como analistas do discurso, podemos assumir o fato de que a Análise do Discurso (abreviadamente AD) não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua produzindo efeitos de sentido(s). Podemos, então, dizer que a AD tem como objeto não a língua ou a palavra, mas o discurso.

A Análise do Discurso trabalha seus limites e seus mecanismos através de um dispositivo teórico construído/assumido pelo analista, que intenta compreender os processos de significação presentes no texto, fazendo vir à tona os efeitos de sentido(s) produzidos a partir das relações entre determinadas posições enunciativas e a maneira como se constituem. Mas, na perspectiva da AD, compreender como os sentidos (ou os efeitos de sentido(s)) se constituem exige que se perceba que esse processo de constituição está, necessariamente, sujeito ao deslize, havendo sempre outro(s) sentidos possíveis que também constituem o discurso. Assim, inscrever-se na AD implica assumir a heterogeneidade como um de seus fundamentos teóricos. É com base nesse pressuposto que desenvolveremos o presente trabalho.

2. Objetivos, base teórica, *corpus* de análise e metodologia

O objetivo geral do estudo ora proposto é, a partir da análise de como se dá a construção da polêmica discursiva em reportagens de capa da *Superinteressante*, verificar em que medida a revista tenta construir um efeito de posição de neutralidade frente às questões tratadas. A hipótese inicial é a de que esse efeito de posição de neutralidade decorre do modo como os jornalistas mobilizam as diversas vozes colocadas em cena por meio do discurso relatado.

Para o cumprimento desse objetivo, lançaremos mão da noção de dialogia de Bakhtin, bem como das considerações de Authier-Revuz e de Maingueneau a respeito da heterogeneidade. A partir dessas conceituações, pontuaremos, no interior da AD, o conceito e a aplicação da heterogeneidade. Nosso intuito, com base nesses autores, é possibilitar uma reflexão a respeito da presença do “outro” no discurso.

O *corpus* a ser analisado constituir-se-á de três reportagens de capa da revista *Superinteressante* do ano de 2001 em diante. A escolha por essa revista, se deu, primeiramente, por ela ser uma revista de divulgação científica impressa de grande tiragem (quase 500.000 exemplares por mês), produzida há um tempo relativamente grande (desde 1987) no Brasil. As reportagens de capa foram escolhidas porque sempre abordam temas que colocam em relação polêmica dois posicionamentos distintos (e de oposição) frente à questão tratada.

Com base numa análise inicial de várias reportagens de capa publicadas entre os anos de 2001 e 2005, foi possível observar que o tema da manutenção (ou não) da vida humana é bastante recorrente. Mais que isso, levantamos a hipótese de que é possível categorizar as reportagens que tratam desse tema em três subtemas, a saber: a) o tema em torno da medicina enquanto prática científica e terapêutica; b) o tema sobre medicamentos; c) o tema sobre a relação morte e vida. Dentre as reportagens que se

incluem em cada um desses subtemas, selecionamos três, que julgamos representativas do funcionamento discursivo das demais reportagens selecionadas para cada subtema. Entretanto, numa etapa posterior, analisando mais de perto essas três reportagens, percebemos que, apesar de se incluírem em subtemas diferentes, elas apresentam muitas regularidades em comum, o que nos fez optar pela análise sistemática de apenas uma dessas reportagens, tomada como representativa de todo *corpus*.

Quanto à metodologia, a pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida seguindo as seguintes etapas metodológicas:

- a) uma parte bibliográfica, fundamentada basicamente nos autores já mencionados nesta introdução;
- b) coleta de dados, a partir da qual se constituiu o *corpus* acima referido;
- c) selecionado o *corpus*, passamos à análise das reportagens com base no referencial teórico construído a partir da pesquisa bibliográfica;
- d) com base nas análises, esboçamos conclusões a respeito do lugar enunciativo da *Superinteressante*.

A seguir, apontaremos o que será desenvolvido em cada capítulo.

3. O desenvolvimento do trabalho

No primeiro capítulo, apresentaremos as considerações teóricas que fundamentarão nosso trabalho e nos servirão de alicerce para proceder à análise. Nele, apresentaremos formulações relevantes de três autores – Bakhtin (1986), Authier-Revuz (2004) e Maingueneau (1997; 2005) –, debruçando-nos, mais especificamente, sobre as noções de dialogia, heterogeneidade enunciativa e interdiscurso.

No segundo capítulo, empreenderemos uma reflexão a respeito dos percursos metodológicos em AD, a partir de considerações feitas por Pêcheux (1983/2002) a respeito da metodologia de análise em Análise do Discurso. Além disso, faremos alguns apontamentos sobre os pressupostos de abordagem de nosso *corpus*, a partir da noção de polêmica constitutiva apresentada por Maingueneau (2005).

O terceiro capítulo apresentará algumas considerações sobre a constituição do campo do jornalismo de divulgação científica e de que maneira a revista *Superinteressante* se inscreve nesse campo, marcando uma posição enunciativa que valoriza o tratamento de temas polêmicos, que instigam a curiosidade do leitor. Além disso, a partir da noção de gênero de discurso de Bakhtin (2003), faremos algumas considerações sobre o gênero reportagem de divulgação científica, a fim de caracterizarmos, de maneira minimamente satisfatória, as instâncias reguladoras de nosso *corpus* de análise.

No quarto capítulo passaremos à análise do *corpus*, buscando mostrar como as polêmicas são postas em cena nas reportagens por meio do discurso relatado. O intuito é verificar de que modo e em que medida a revista não se posiciona de forma neutra frente aos temas tratados, apesar de buscar incessantemente construir uma imagem de si como mera mediadora das questões abordadas, o que produz o que chamamos de efeito de posição de neutralidade.

Por último, apontaremos algumas considerações a respeito do estudo feito, esperando ter tido condições de chegarmos a algumas primeiras conclusões.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentaremos a noção de dialogia em Bakhtin (1929/1986), a noção de heterogeneidade enunciativa em Authier-Revuz (1998; 2004) e a releitura que Dominique Maingueneau (1997; 2005) realiza, a partir de um quadro discursivo, da noção de heterogeneidade formulada pela autora.

1. Mikhail Bakhtin

A esse respeito, discurso de “outrem”, Bakhtin (1929)¹ inicia sua reflexão afirmando que

o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação (BAKHTIN, 1986, p. 144).

O autor, a partir disso, pauta que o discurso de “outrem” não é apenas o tema do discurso, ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática como parte da construção, conservando sua autonomia estrutural e semântica sem alterar a trama lingüística do contexto ao qual foi integrado. É, pois, a partir dessa existência autônoma que o discurso de “outrem” passa para o contexto narrativo, conservando seu conteúdo e

¹ Utilizamos uma edição de 1986 dessa obra de Bakhtin.

noções elementares de sua integridade lingüística e de sua autonomia estrutural primitiva.²

Dessa forma, podemos pontuar, a partir dessas considerações arroladas por Bakhtin (1986 / 1929), que a diluição da palavra citada no contexto narrativo não se efetua completamente, porque, segundo o autor, tanto o conteúdo semântico quanto a estrutura da enunciação citada permanecem relativamente estáveis, fazendo com que a substância do discurso de “outrem” permaneça palpável, como um “todo auto-suficiente”. Assim, a análise da inscrição do discurso de “outrem” no fio discursivo implica uma relação ativa de uma enunciação à outra e pressupõe, portanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, já que essas formas refletem tendências da recepção ativa do discurso de “outrem” no discurso narrativo.³

A respeito da apreensão ativa da enunciação de “outrem”, com base nos estudos de Bakhtin, podemos pontuar que o processo não se realiza diretamente sob a forma de discurso direto ou indireto. Essas formas são somente esquemas padronizados para citar o discurso. Mas faz-se importante ressaltarmos, também, que esses esquemas surgiram e tomaram forma de acordo com as tendências dominantes da apreensão do discurso de “outrem” e que eles “exercem uma influência reguladora, estimulante ou inibidora, sobre o desenvolvimento das tendências da apreensão apreciativa, cujo campo de ação é justamente definido por essas formas”. (Bakhtin, 1986, p. 147).

² A enunciação do narrador, quando integra à sua composição outra enunciação, elabora regras (sintáticas, estilísticas, composicionais) para assimilar essa outra enunciação, para associá-la à sua própria unidade, embora conserve, pelo menos rudimentarmente, a autonomia primitiva do discurso de “outrem”.

³ Não podemos nos esquecer que Bakhtin constrói sua teoria baseada em *corpora* literários, para fins não especificamente lingüísticos. A finalidade dos estudos do autor era entender a natureza da narração em obras literárias. Mas, ao fazer isso, acreditamos que fez um estudo bastante produtivo no que se refere às teorias lingüísticas no contexto do discurso de outrem e das implicações daí decorrentes.

Essa apreensão apreciativa da enunciação de “outrem” se dá por meio de mecanismos de um discurso interior. Por isso, aquele que apreende a enunciação de “outrem” não é um ser “privado da palavra”, mas cheio de palavras interiores, ou seja, todo o “fundo perceptivo” (atividade mental) daquele que apreende o discurso de “outrem” é mediado pelo discurso interior, operando, assim, a junção com o discurso do exterior. Dessa forma, ponderamos, de acordo com as considerações bakhtinianas, que é no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão, a compreensão e a apreciação da enunciação de “outrem”⁴, isto é, é no quadro do discurso interior que se efetua a orientação ativa do falante.

É nesse sentido que podemos dizer que o discurso citado e o contexto narrativo unem-se por relações dinâmicas e complexas, e que não há possibilidade de compreender a(s) forma(s) de discurso citado sem considerar essas relações. Para Bakhtin, o importante nesse estudo é a interação entre essas duas dimensões: o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, quando consideramos essa teoria de Bakhtin, consideramos também que os dois discursos (discurso a transmitir e discurso que serve para transmitir) só têm uma existência real e só se formam através dessa inter-relação dinâmica, que, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.

Para esclarecer a direção em que essa inter-relação entre o discurso narrativo e o discurso citado pode desenvolver-se, Bakhtin (1929/1986) pontua duas orientações. Na primeira, o discurso de “outrem” visa à conservação da sua integridade e autenticidade, em que a língua pode esforçar-se por delimitar o discurso citado com fronteiras nítidas, estáveis e invioláveis. Essa tendência recebe o nome de estilo linear de citação do

⁴ Segundo Bakhtin não se pode ter o discurso de “outrem” sistematicamente separado do contexto narrativo. Para ele, o erro dos pesquisadores que já estudaram as formas de transmissão do discurso de “outrem” foi justamente concebê-los separadamente.

discurso de “outrem”⁵. Na segunda orientação dessa dinâmica da inter-relação da enunciação e do discurso citado observamos exatamente o contrário da primeira. Nela, a língua elabora meios mais versáteis e mais sutis para “permitir” que o autor infiltre suas réplicas e seus comentários no discurso de “outrem”. Aqui, o contexto narrativo tenta desfazer a estrutura fechada do discurso citado e esforça-se para absorvê-lo e para apagar suas fronteiras. Esse estilo recebe o nome de pictórico. A tendência desse estilo é atenuar os contornos exteriores da palavra de “outrem”. Nesse estilo, não é apenas o seu sentido objetivo que é apreendido, mas também as particularidades lingüísticas na sua realização verbal. Aqui, o narrador pode apagar as fronteiras do discurso citado, modificando-o com suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio etc. Domina, então, nesse modo de apreensão do discurso citado, um relativismo das apreciações sociais e caracteriza-se por um desenvolvimento dos modelos mistos de transmissão do discurso: o discurso indireto sem sujeito aparente e o discurso indireto livre, que é a forma última de enfraquecimento das fronteiras do discurso citado.

Em concordância com Bakhtin, ponderamos, então, que a análise das tendências de apreensão do discurso citado deve levar em conta as particularidades dos fenômenos lingüísticos em estudo, uma vez que a língua não existe por si só; sua existência se dá em conjunção com a estrutura individual de uma enunciação concreta, ou seja, é através da enunciação que a língua entra em contato com a comunicação, tornando-se, assim, uma realidade. E a realidade da comunicação verbal, isto é, suas condições, suas formas e seus métodos de diferenciação, são determinados pelas condições sociais e econômicas da época. Essas condições da comunicação sócio-verbal são, portanto,

⁵ A tendência principal desse estilo é criar contornos exteriores à volta do discurso citado, ou seja, “protegê-lo” de infiltração exterior e consolidar suas características lingüísticas individuais. Questiona-se, no entanto, até que ponto esse discurso não está sendo recebido como um bloco único de comportamento social, sem levar em conta as expressões, as particularidades estilísticas do discurso etc. com suas significações sociais, tornando esse tipo de apreensão do discurso muito autoritário e dogmático.

determinantes nas mudanças de formas, no que se refere à transmissão do discurso de “outrem”; nas formas pelas quais a língua registra as impressões do discurso de “outrem” e da personalidade do locutor, percebemos, corroborando com Bakhtin, que “os tipos de comunicação socioideológica em transformação no curso da história manifestam-se com um relevo especial” (Bakhtin, 1986, p. 154).

2. Jacqueline Authier-Revuz

2.1 Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva

Jaqueline Authier-Revuz (1998) aponta que, no fio do discurso que um locutor único produz, há formas lingüisticamente detectáveis da presença do outro no nível da frase ou do discurso, ou seja, há a presença do outro sob formas mostradas de heterogeneidade.

Authier-Revuz considera como marcas explícitas de heterogeneidade (do outro em um discurso “primeiro”) as formas que se deixam aparecer no discurso relatado (discurso direto⁶ e discurso indireto⁷) que designam, no plano da frase, um outro ato de enunciação. A autora também aponta uma forma mais complexa de heterogeneidade: as formas marcadas de conotação autonímica, em que o locutor faz uso de palavras inscritas no fio do seu discurso mostrando-as. Pondera, ainda, que existem fórmulas que constituem uma espécie de “metadiscurso ingênuo” que explica o estatuto do “Outro”

⁶ No discurso direto o locutor dá lugar explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso.

⁷ No discurso indireto o locutor remete a um outro como fonte de sentido.

dentro do discurso. Segundo Authier-Revuz, essas fórmulas se inserem no discurso como marcas de uma atividade de controle-regulagem do processo de comunicação⁸.

A autora salienta algumas modalidades explícitas pelas quais a presença do outro significante pode ser marcada em uma seqüência: a remissão explícita de uma cadeia a uma “forma-gênero” repertoriada; a construção de uma cadeia, que não poderá receber um sentido, a não ser que, em um ponto, o interlocutor se decida a entender dois sentidos; a justaposição; a justaposição-superposição etc.

Como percebemos, ela discute sobre as formas de heterogeneidade marcada⁹, mas não reduz a presença do outro a uma figura explícita de interlocutor. Ela coloca em evidência a presença do outro mesmo sem o auxílio do dito (lingüístico). Partindo das formas marcadas que atribuem ao outro um lugar lingüisticamente descritível, passando pelo *continuum* das formas recuperáveis da presença do outro no discurso, chega-se, inevitavelmente, à presença do outro em toda parte, sempre presente no discurso, não dependente de uma abordagem lingüística.

Authier-Revuz (2004), em “*Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido*”, para mostrar que não há uma superposição entre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, articula sua teoria da heterogeneidade à teoria do descentramento do sujeito. O sujeito não é tido como fonte consciente de um sentido que ele traduz nas palavras de uma língua. O sujeito é tomado como constitutivamente falado pelas palavras do(s) outro(s). Desse modo, a heterogeneidade mostrada não é o espelho da heterogeneidade constitutiva.

⁸ Segundo Authier-Revuz (1998) essas fórmulas são: a realização do discurso em uma língua ou em uma variedade de língua; a concordância dos dois interlocutores quanto à adequação da palavra; a significação da palavra “normalmente” óbvia e o pertencer das palavras e das seqüências de palavras ao discurso em curso.

⁹ A heterogeneidade mostrada procura produzir um efeito de demarcar o outro no seu dizer, fazendo parecer que todo o resto é do sujeito.

Nessa perspectiva, Authier-Revuz apóia-se em duas abordagens não propriamente lingüísticas da heterogeneidade da fala e do discurso: o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise.

2.2 O dialogismo do Círculo de Bakhtin

É no campo das práticas significantes literárias que Bakhtin inscreve sua pesquisa; ele não tencionava ocupar o campo da Lingüística e sim reconhecer a existência de dois campos distintos a serem articulados: Lingüística e Translingüística.¹⁰ Assim, os trabalhos enunciativos, pragmáticos, discursivos, textuais, que articulam o lingüístico e o extralingüístico, encontram-se formulados, várias vezes, em Bakhtin.

Tecendo suas primeiras colocações a respeito das idéias bakhtinianas, Authier-Revuz (2004) pondera que o sentido de um texto nunca está pronto, uma vez que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis (leitura plural). Para Bakhtin, conforme a autora, as linguagens não se excluem, elas se intersectam de diversas maneiras, podendo ser confrontadas, servir de complemento mútuo, entrar em relações dialógicas formando novos “falares”.¹¹

Bakhtin, segundo Authier-Revuz (2004), com esse novo trabalho sobre a língua, propõe uma ruptura radical com o monologismo, com a ingenuidade verbal, instaurando a noção de interação verbal constitutivamente dialógica, em que o dizer de um locutor, necessariamente, dialoga com outro(s) discurso(s) da ordem do já-dito. Essa ruptura inscreve-se em uma consciência mais relativizada da linguagem, já que se encontra não

¹⁰ Para Bakhtin (1929/1986), a Lingüística e a Translingüística (a Translingüística tem como objeto as relações dialógicas) devem se completar e não se misturar.

¹¹ Quando Bakhtin pensa o contexto de interação verbal, refere-se à situação concreta de uma realização. Para ele a palavra é habitada pelos sentidos que lhe foram atribuídos nas diferentes enunciações de que participou, o que a tornaria polifônica.

mais no sistema esquematizado de sua própria língua, única e incontestável, mas na fronteira de numerosas línguas, no limite de sua luta intensa.

Assim, para o indivíduo que fala sua língua materna, a palavra não escapa à orientação dialógica com o já-dito da palavra do Outro, ela remete sempre a um contexto, ou vários (contextos); não se apresenta com um sentido dicionarizado, “fixo”; ao contrário, o dialogismo é tomado como condição de constituição do(s) sentido(s), e este(s) se faz(em) no e pelo entrecruzamento dos discursos.

Como resultado do dialogismo bakhtiniano, a linguagem não conserva mais formas ou palavras neutras; ela (a palavra) mostra-se cheia de espaços a serem preenchidos por outros discursos¹² e acentuada de sentidos. A partir disso, podemos afirmar que o lugar do “outro discurso” não é *ao lado*, mas *no* discurso, já que o interesse do grupo de Bakhtin era o de oferecer “representações em discurso” do “discurso do outro” nos níveis sintático¹³, discursivo e literário. É nesse espaço, em um sistema de fusão das linguagens literariamente organizado, um sistema que tem por objeto esclarecer uma linguagem por meio de outra, que Bakhtin instaura o romance polifônico, em que a representação de um discurso é constantemente trabalhada pelos jogos de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias.

Por esse motivo, a interlocução (o jogo de vozes) apresenta-se, para Bakhtin, como um fator importante da dialogização do discurso, uma vez que todo discurso é dirigido a um interlocutor. Para o autor, segundo considerações de Authier-Revuz

¹² As palavras são atravessadas por discursos. Isso é o que Bakhtin (1979/2003) chama de “saturação da linguagem”. Essa saturação designada por Bakhtin parece dialogar com a “saturação conflitual” analisada por Althusser. Este pondera que a luta entre palavras resume-se, muitas vezes, na luta de classes. (cf. “La philosophie comme argume de la révolution, La Pensée, n° 138, 1968”, apud Authier-Revuz, 1998, p. 36).

¹³ O ponto de vista dialógico constitui um esclarecimento novo sobre as formas sintáticas descritas do discurso relatado porque nos limites de uma mesma construção lingüística, ouve-se ressoar acentos de duas vozes diferentes.

(1998), o discurso é interindividual e não se pode atribuí-lo somente ao locutor; cada enunciado tem um destinatário que se marca no tecido do discurso que está sendo produzido. Desse modo, o outro é, para o locutor, apreendido como discurso. A interlocução é colocada como fator constitutivo do discurso, o que acrescenta um parâmetro importante na produção do discurso no campo do interdiscurso: ela introduz um elemento heterogêneo a esse campo.

Essa heterogeneidade é instaurada no discurso porque o outro de Bakhtin¹⁴ pertence ao campo do discurso, do sentido construído “em discurso” com palavras carregadas de história. O outro do dialogismo de Bakhtin é, pois, a condição do discurso, é uma fronteira interior, que marca no discurso a relação constitutiva com o outro.

2.3 A Psicanálise

A Psicanálise, apoiada nas leituras lacanianas de Freud, impõe um questionamento sobre a unicidade significante da cadeia linear, porque, contrariamente à imagem de um sujeito “pleno”, causa da “existência” de uma palavra homogênea, a Psicanálise pauta-se em um sujeito dividido, condição para a palavra heterogênea. Para a Psicanálise o sujeito não é dono exclusivo de seu dizer, mas um efeito de linguagem¹⁵, e a linguagem é condição do inconsciente.¹⁶

¹⁴ O outro de Bakhtin é aquele dos outros discursos e do outro interlocutor.

¹⁵ A Psicanálise não é uma teoria do sujeito, nem uma teoria das relações entre sujeito e linguagem, é uma teoria que tem por objeto o inconsciente. Mas as noções de sujeito e de linguagem têm um papel importante nessa teoria porque fazem parte da “matéria-prima” teórica da Psicanálise, porque o sujeito é efeito de linguagem que não é causa de si mesmo.

¹⁶ Segundo os psicanalistas, em um trabalho de regressão, por exemplo, o sujeito não retorna ao passado, e sim o passado retorna na linguagem. Dizer que o inconsciente é o discurso do Outro é afirmar que um discurso livre não existe.

Os trabalhos psicanalíticos consistem em fazer ressurgir os conflitos esquecidos que agem na vida presente, uma vez que o inconsciente não está à disposição do sujeito para estabelecer a continuidade de seu discurso consciente. Para a Psicanálise, segundo Authier-Revuz (2004), o sujeito é falado mais pelo discurso sobredeterminado (inconsciente) do que pelo discurso dito “livre” e “dono de seu dizer”. A tarefa do analista, então, é, segundo Freud, “construir o que foi esquecido a partir dos traços deixados por esses esquecimentos”. (FREUD, apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 50).

Com base nesses pressupostos da Psicanálise, Authier-Revuz (2004, p.52) afirma que “não há um “discurso do inconsciente” que lhe seja próprio”, mas “que o inconsciente age no discurso ‘normal’”, ou seja, não há um acesso direto ao inconsciente, não se trata de passar de um sentido manifesto a um sentido oculto; mas de um trabalho de escuta, de pontuação, de eco, que se efetua sobre a materialidade da cadeia falada. Trazer à tona o discurso do inconsciente não é simplesmente tecer um comentário ou fazer uma interpretação a partir do que é dito, é perceber que o discurso não se reduz apenas a seu dizer explícito, mas admitir que ele carrega com ele o peso do outro nele mesmo. É admitir que há um avesso do discurso e que é nesse avesso¹⁷ que se pode tentar fazer aparecer para o sujeito aquilo que é dito, inconscientemente, de seu desejo, em sua fala.

Isso não significa dizer que existe um significado escondido, e sim que nem tudo está mostrado explicitamente, ou seja, há o latente. E é, no funcionamento latente, aquele subjacente ao significante, que deve estar presente a escuta analítica. O trabalho de análise consiste justamente em ouvir, concomitantemente, as diferentes vozes do discurso, já que a aceitação dos traços do discurso inconsciente na análise corrobora a afirmação de que todo discurso é polifônico.

¹⁷ Tomamos o avesso não como um outro discurso, mas como o discurso do Outro.(cf. Clément 1973b, p. 159, apud Authier-Revuz, 2004, p. 54).

Faz-se necessário, nesse sentido, escutarmos (nós analistas), ao mesmo tempo, os diversos discursos que são ditos, sabendo que não existe uma condição amigável entre eles¹⁸ porque o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, não é a fonte consciente do sentido traduzido em palavras. O sujeito é, segundo Clément¹⁹(1975), “essencialmente representação [...] dependendo das formas de linguagem que ele enuncia e que na verdade o enuncia”.

O sujeito do inconsciente é “barrado pelo desejo, a própria expressão de uma divisão” (Cf. Roudinesco, 1977, p. 48, apud Authier-Revuz, p. 66). Assim, conforme Authier-Revuz (2004, p. 66) “não há centro, para o sujeito, fora da ilusão e do fantasma”.²⁰

2.4 O discurso constitutivamente atravessado pelo discurso do “outro”.

Baseada em dois questionamentos com bases diferentes, o dialogismo do círculo de Bakhtin e a psicanálise, Authier-Revuz mostra a constituição heterogênea de todo discurso.

O dialogismo do círculo de Bakhtin, conforme já explicitado por Jacqueline Authier-Revuz, considera a interação com o discurso do outro constitutivo do “próprio” discurso. Para o círculo de Bakhtin, as palavras são carregadas de outros discursos, adquiridos em situações de comunicação anteriores. Dessa forma, a autora pondera que, na concepção bakhtiniana, “o discurso se constitui [...] por um encaminhamento dialógico, feito de acordos, recusas, conflitos, compromissos... pelo ‘meio’ dos outros

¹⁸ Essa condição não amigável, tanto na polêmica quanto na contradição, diz respeito a uma diferença quanto à relação dialógica dos discursos do interior de um conjunto.

¹⁹ Clément, 1975b, p. 53. Citando Lacan. *Ecrits*, p. 704 apud Authier-Revuz, 2004, p. 65.

²⁰ Essa ilusão é necessária e normal ao sujeito porque é inerente à constituição do sujeito humano.

discursos” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 68). Na concepção da psicanálise, também já abordada por Authier-Revuz, outras palavras sempre são ditas sob nossas palavras, ou seja, o discurso é “constitutivamente atravessado pelo ‘discurso do Outro’”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69). Assim, para a autora, articulada a essa teoria da heterogeneidade da palavra, está colocada a teoria do descentramento do sujeito, em que para o sujeito dividido, clivado, que é o sujeito da psicanálise, não há centro em que o sujeito seria a fonte consciente do sentido²¹, sendo que, entretanto, a posição de exterioridade do sujeito em relação à linguagem também só existe dentro dessa ilusão necessária (ilusão de centramento do sujeito).

Considerando esses pontos de vista, Authier-Revuz pondera que “todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69), ressaltando que o Outro não é um objeto exterior, mas uma condição do discurso de um sujeito falante que não é fonte primeira e única desse discurso.

A autora, a respeito da presença constante de outros no discurso, esclarece que as formas de heterogeneidade mostrada não são um espelho da realidade incontestável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso. Ela afirma, nesse sentido, que as formas de heterogeneidade mostrada são “elementos da representação (...) que o locutor (se) dá de sua enunciação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70). Para a autora, a heterogeneidade mostrada dá lugar ao outro no discurso, mas não é independente, ela corresponde a uma forma de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva.

²¹ Devemos lembrar que, segundo a psicanálise, manter esta ilusão de um centro é função necessária e normal do eu para o sujeito. É função, no entanto, do linguísta reconhecer a realidade das formas pelas quais o sujeito se representa como centro de sua enunciação.

Na heterogeneidade mostrada, no entanto, diferentemente da heterogeneidade constitutiva, quando o locutor marca explicitamente pontos de heterogeneidade em seu discurso, ele delimita e circunscreve o *outro* e, assim, afirma que o outro não está em todo lugar, explica Authier-Revuz (1998). Ao designar o outro em um ponto do discurso, na heterogeneidade mostrada, o locutor institui o resto desse discurso como sendo seu, dependente somente dele (locutor) próprio, tomando o discurso, em geral, como homogêneo, e se colocando no domínio de separar o “um” do “outro”. Assim, podemos dizer que o outro só é “outro”, quando coloca em risco a identidade do “um”. Nesse sentido, as marcas explícitas de heterogeneidade são, conforme a autora, uma resposta ao fato de que o sujeito falante não pode escapar ao domínio de uma fala fundamentalmente heterogênea, porque é através dessas marcas que o sujeito tem a possibilidade de fortalecer o estatuto do “*um*”. Authier-Revuz (2004) enfatiza a importância de se estudar a maneira pela qual funcionam as formas de heterogeneidade explícita porque, segundo ela, é através desse estudo que se manifesta o modo de negociação com a heterogeneidade constitutiva própria ao discurso.

Mesmo quando as formas de heterogeneidade tendem a se ausentar, em enunciações cujos sujeitos buscam apagar a marca da presença do outro/Outro, o discurso escapa à vontade desses sujeitos, bem como a seus projetos de significação. Trata-se da heterogeneidade constitutiva, em que o sujeito desaparece para deixar o lugar a um discurso que, liberado ou invadido, não lhe dá lugar.

Fundamentando nosso trabalho em Authier-Revuz, estamos, também, buscando responder qual a relação possível entre a proposta da autora, que se diz lingüista, e uma teoria discursiva. Para tanto, trabalharemos com Authier-Revuz a partir da releitura que Maingueneau faz do conceito de heterogeneidade, inscrevendo-o em um quadro teórico que privilegia o primado do interdiscurso, uma vez que nos interessa verificar as

relações polêmicas entre diferentes posições enunciativas no mesmo campo discursivo, conforme se poderá verificar na análise do *corpus*.

3. Dominique Maingueneau

A proposta de Maingueneau (2005), a do primado do interdiscurso, está inscrita na perspectiva da heterogeneidade constitutiva, cuja hipótese explica-se por uma relação inextricável, que “amarra o Mesmo do discurso e seu Outro” (Maingueneau, 2005, p. 33). Com essa proposta, o autor reafirma a importância dos trabalhos do círculo de Bakhtin como pesquisas precursoras em formulações sobre o caráter “polifônico” da fala, pois (as pesquisas bakhtinianas) fazem da relação ao Outro fundamento da discursividade.

Maingueneau explica que as reflexões acerca do “princípio dialógico” de Bakhtin, em relação à interação enunciativa, vêm ao encontro de suas preocupações sobre a interdiscursividade. Nesse sentido, podemos dizer que, em alguma medida, o percurso de Maingueneau se inscreve na mesma perspectiva que de Bakhtin, a de uma “heterogeneidade constitutiva”. No entanto, Maingueneau atribui a essa orientação geral um quadro metodológico e um domínio de validade mais precisos, na medida que toma “interdiscurso” com uma especificação ulterior, substituindo esse termo por uma tríade: *universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo*.

Brevemente, tentaremos mostrar o modo como o autor concebe essas três noções. Ele chama de universo discursivo ao “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada” (MAINGUENEAU, 2005, p. 35). O universo discursivo, segundo o autor, constitui um conjunto finito, mas, mesmo assim, de pouca utilidade para o analista, já que define apenas uma extensão máxima,

ou seja, o horizonte a partir do qual serão construídos os campos discursivos, que são os domínios susceptíveis de serem estudados.

Sobre a noção de campo discursivo, Maingueneau (2005, p. 35) a compreende como “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitando-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. O autor toma a palavra “concorrência” em sentido amplo, incluindo o confronto aberto, a aliança, a neutralidade aparente etc. entre discursos que possuem a mesma função social, mas que não condizem sobre o modo pela qual essa função deve ser preenchida. O campo discursivo, nesse sentido, configura-se como um recorte que não determina zonas insulares de análise, mas que deve ser tomado como uma abstração necessária, que permite abrir múltiplas redes de trocas.

No interior do campo discursivo constituem-se os discursos, e essa constituição, conforme hipótese do autor, pode ser descrita em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. Todavia, conceber essa descrição de operações com certas regularidades não implica dizer, de forma alguma, que um discurso se constitua da mesma maneira que todos os discursos desse campo, já que a heterogeneidade impõe uma hierarquia instável, onde discursos dominantes e discursos dominados não se situam necessariamente no mesmo plano, não sendo possível, portanto, determinar *a priori* as modalidades das relações entre as diversas formações discursivas de um campo.

Como essas relações entre formações discursivas precisam ser descritas para que a análise aconteça, Maingueneau (2005, p. 37) propõe a noção de espaços discursivos, concebidos como “subconjuntos de formações discursivas que o analista julga relevante para seu propósito colocar em relação”. Os espaços discursivos são isolados, no campo, e devem resultar apenas de hipóteses fundadas sobre um conhecimento dos textos e

sobre um saber histórico, que serão em seguida confirmados ou não quando a pesquisa progredir.²²

Nessa condição, a de pensar em um primado do interdiscurso através da tríade sumariamente apresentada, compreendemos, juntamente com Maingueneau (2005, p. 37), que precisamos considerar “qual(is) outro(s) discurso(s) do campo é(são) citado(s) e recusado(s) pelo discurso ‘segundo’²³ para identificá-los como o(s) discurso(s) ‘primeiro(s)’ através do(s) qual(is) aquele se constituiu”. Dessa forma, estamos reconhecendo, no nível das condições de possibilidades semânticas, um espaço de trocas em detrimento de um espaço de identidade fechada, e também incitando a construir um sistema que não só circunscreva a especificidade de um discurso, mas também defina as relações desse discurso com seu Outro.²⁴

Trata-se, aqui, não mais de tomar o interdiscurso como um conjunto de relações entre diversos “intradiscursos” compactos, mas de pensar a presença do interdiscurso no interior do intradiscurso como parte de seu funcionamento e de sua constituição. Pense-se, antes de mais nada, que o Outro não deve mais ser pensado como uma espécie de “envelope” do discurso. No espaço discursivo, faz-se necessário definir uma formação discursiva a partir de seu interdiscurso. O Outro deixa de ser um fragmento localizável, uma citação ou uma entidade exterior e passa a ser a parte de sentido necessária à constituição da identidade de um discurso, jamais sendo reduzido a uma figura de interlocutor.

²² Esse espaço discursivo não é previamente dado, mas construído na medida em que se estabelecem ou que se fazem estabelecer as relações entre as formações discursivas constituintes do *corpus* de análise.

²³ Maingueneau está chamando de discurso segundo aquele que se constitui através de outros discursos.

²⁴ Maingueneau ressalta que esse Outro, aqui, com letra maiúscula, não coincide com seu homônimo lacaniano, mas diz respeito aos outros discursos do campo e, nesse sentido, a outros posicionamentos discursivos.

Maingueneau ainda afirma que, mesmo que a presença do Outro constitutivo supostamente desapareça, a maneira pela qual o discurso segundo vai gerir suas novas relações interdiscursivas continua determinada pela rede semântica através da qual ele se constituiu. Em outras palavras, se “o discurso segundo não tem mais nada a ver com o discurso primeiro, nem por isso ele necessariamente deixa de ter relação com as estruturas semânticas correspondentes, nas quais ele continuará a ler a figura de seu Outro” (MAINGUENEAU, 2005, p. 43).

O autor (1997, p.75), dessa maneira, como Bakhtin e Authier-Revuz, faz postulações em torno da presença do Outro no discurso, afirmando que falar em heterogeneidade significa “tomar conhecimento de um funcionamento que representa uma relação radical de seu ‘interior’ com seu ‘exterior’”²⁵. Mesmo assim, como Authier-Revuz, também pontua uma distinção entre heterogeneidade mostrada e constitutiva.

O autor define heterogeneidade mostrada como sendo as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, e heterogeneidade constitutiva como uma heterogeneidade que não é marcada em superfície, mas que a Análise do Discurso, pode, através do interdiscurso, definir a propósito de uma formação discursiva.

Abordando, inicialmente, as marcas de heterogeneidade mostrada, agruparemos, conforme Maingueneau o fez, um conjunto de mecanismos, de importância considerável à Análise do Discurso, que pode ser examinado através da polifonia²⁶, tomada, aqui, como a presença de mais de uma “voz”, ou seja, a presença do Outro no discurso.

²⁵ Para Maingueneau as formações discursivas não possuem duas dimensões, como se de um lado houvesse sua relação com elas mesmas e, de outro lado, suas relações com o exterior.

²⁶ Segundo Maingueneau, baseado em Ducrot (1987), há polifonia quando se é possível distinguir em uma enunciação dois tipos de personagens, os enunciadores e os locutores. Nessa concepção de polifonia,

Dessa forma, seguir-se-ão algumas definições desses mecanismos, quase sempre presentes nos discursos, cujo destaque parece ser de utilidade para a Análise do Discurso, no que diz respeito ao estudo da heterogeneidade:

- **Pressuposição:** A pressuposição consiste em um processo que apresenta dois enunciadores; o primeiro, responsável pelo pressuposto, e o segundo, pelo posto.
- **Negação:** em um enunciado negativo faz-se possível distinguirmos duas proposições: uma primeira que afirma e outra que a nega.²⁷
- **Discurso relatado:** constitui-se pelo discurso direto e pelo discurso indireto²⁸.
- **Palavras entre aspas:** as aspas constituem um sinal a ser decifrado por um destinatário. Marca outra argumentação.²⁹
- **Parafrasegem:** Maingueneau aponta que, segundo Pêcheux e Fuchs (1975) “em uma formação discursiva o sentido é apreendido pelo

a palavra aparece como uma encenação, onde há diversos personagens, ou seja, há uma pluralidade de fontes enunciativas, em que o enunciador não “fala” diretamente. Não trataremos disso, aqui, por não ser esse o objetivo específico do trabalho, mas explicações mais precisas sobre isso são encontradas na obra, já citada, de Maingueneau. Também não faremos um levantamento exaustivo e uma classificação minuciosa das marcas de heterogeneidade mostrada por partirmos do princípio de que os possíveis leitores desse material já tenham conhecimento dessas marcas.

²⁷ Para Ducrot (Apud Maingueneau, 1997, p. 80) “a enunciação da maior parte dos enunciados negativos é analisável como encenação do choque entre duas atitudes antagônicas, atribuídas a dois ‘enunciadores’ diferentes: o primeiro personagem assume o ponto de vista rejeitado e o segundo, a rejeição deste ponto de vista”. Habitualmente distingue-se dois tipos de negação: a polêmica e descritiva. A primeira serve para contestar e/ou opor-se a uma asserção anterior, explícita ou não, e a segunda serve para falar do mundo. (cf. Maingueneau, 1997).

²⁸ Sabemos que a Análise do Discurso dedica grande atenção aos fenômenos referentes à citação, por isso a importância atribuída ao discurso direto e indireto.

²⁹ Segundo Maingueneau, as aspas, diferentemente de outros fenômenos polifônicos, não se referem às proposições, mas às palavras, sintagmas atribuídos a um outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir.

deslizamento de uma fórmula a outra, no interior de classes de equivalência”. Pêcheux acrescenta que “é preciso admitir que palavras, expressões e proposições literalmente diferentes podem ter o mesmo sentido no interior de uma formação discursiva dada”.

- **Ironia:** subverte a fronteira entre o que é assumido pelo locutor e o que não o é.
- **Autoridade, provérbio, slogan:** o locutor se apaga diante de um Locutor mais importante que garante a validade da enunciação.

Ainda poderíamos citar outros exemplos de mecanismos de heterogeneidade, como o discurso indireto livre, a imitação, a exemplificação, o pastiche etc., que podem ser mobilizados por um discurso para marcar sua relação com o seu “exterior”. No entanto, partimos, agora, para o nível constitutivo, em que a formação discursiva se relaciona com o interdiscurso, já que, segundo considerações de Maingueneau (2005), não é suficiente identificar diversas formas de rompimento no tecido de uma formação discursiva, é preciso avançarmos na reflexão sobre a identidade discursiva.

Pensarmos em identidade discursiva significa, primeiramente, assumir o fato de que uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se opõe a outro, mas como uma realidade “heterogênea por si mesma”, ou seja, uma formação discursiva inscreve-se entre diversas formações discursivas, sem estabelecer limites definitivos que separam um interior e um exterior. Nessa perspectiva, a formação discursiva³⁰ é definida a partir de seu interdiscurso, e não o contrário³¹, de onde decorre a postulação de Maingueneau (2005) do primado do interdiscurso.

³⁰ Segundo Maingueneau toda formação discursiva deve ser associada a uma memória discursiva, constituída de formulações que, repetem, recusam e transformam outras formulações.

O interdiscurso, nesse sentido, deve ser apreendido como a interação entre formações discursivas, o que nos leva a pontuar que a identidade discursiva está construída na relação com o Outro.³² Mesmo na ausência de qualquer marca de heterogeneidade marcada, Maingueneau (1997, p. 120) afirma que “toda unidade de sentido, qualquer que seja seu tipo, pode estar inscrita em uma relação essencial com uma outra, aquela do ou dos discursos em relação aos quais o discurso de que ela deriva define sua identidade”. É nesse sentido que, com o autor, não concebemos separação entre as formações discursivas de um lado e suas relações de outro, mas entendemos que todos os elementos são retirados da interdiscursividade. Nessa perspectiva é que se pode dizer que a interdiscursividade é constitutiva da formação discursiva, o que implica assumir o fato de que o discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, recobrando relações diversas, e construindo, ao mesmo tempo, sua identidade e sua relação com outros discursos, os quais lhe permitem estabelecê-las.

Então, podemos, através das considerações arroladas por Maingueneau, distinguir dois níveis de apreensão da presença de outro(s) no discurso: o dialogismo mostrado e o dialogismo constitutivo.³³ O primeiro diz respeito à interdiscursividade manifestada, e o segundo define as condições de possibilidade de uma formação discursiva no interior de um espaço discursivo.

³¹ Devemos lembrar, no entanto, que todo discurso mantém uma relação com elementos pré-construídos (produzidos em outros discursos anteriores e independentes do discurso “novo” que se instaura), e que, por isso, a presença do interdiscurso no discurso é inevitavelmente apagada.

³² Vale, aqui, ressaltarmos que, a presença de outro(s) no discurso não se dá de forma aleatória e sem lógica, ou seja, em um discurso, não existe relação com outro que seja independente de sua própria organização semântica.

³³ Dialogismo é um termo que, primeiramente, foi usado por Bakhtin.

Neste trabalho, em função de nosso *corpus* de análise, constituído de discursos em relação de polêmica, procederemos à análise a partir do referencial teórico proposto por Maingueneau, o que não significa, de forma alguma, a recusa ou o apagamento das noções de dialogia e de heterogeneidade enunciativa. Diferentemente, conforme o próprio Maingueneau nos autoriza dizer, é a partir das relações interdiscursivas da proposta do autor com as formulações de Bakhtin e Authier-Revuz que se constituiu seu lugar enunciativo.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS E *CORPUS* PARA ANÁLISE

1. Pressupostos metodológicos

O problema principal em estabelecer objetivos para uma pesquisa talvez seja determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento da interpretação e da descrição. Pêcheux (1983 / 2002), a esse respeito, colocou que as abordagens estruturalistas descreviam os arranjos textuais discursivos em sua intrincação material e suspendiam a produção de interpretações. Segundo o autor, foi “esta posição de desvio teórico, seus ares de discurso sem sujeito, simulando os processos matemáticos, que conferiu às abordagens estruturais esta aparência de nova ‘ciência régia’, negando como de hábito sua própria posição de interpretação” (PÊCHEUX, 1983 / 2002, p. 47).

Expressando seu interesse em fazer uma aproximação, teórica e de procedimentos, entre as práticas da “análise da linguagem ordinária” e as práticas de “leitura” de arranjos discursivo-textuais, Pêcheux explicita três condições as quais ele considerava primordiais para que ocorresse essa aproximação.

A primeira exigência posta por Pêcheux foi a de dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas, em relação aos gestos de interpretação. Em sua perspectiva, descrever supunha o reconhecimento de um real específico sobre o qual a descrição se instala: o real da língua. Nesse sentido, as pesquisas lingüísticas começariam a se deslocar da obsessão da ambigüidade para abordar o próprio da língua através do equívoco, da elipse, da falta etc. Isso, de certa forma, obrigaria a pesquisa lingüística a construir procedimentos capazes de abordar explicitamente o fato lingüístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico.

A segunda exigência colocada por Michel Pêcheux foi a de assumir que a consequência do que precede é que toda descrição está exposta ao equívoco da língua: “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Disso decorre que todo enunciado e sequência de enunciados tornam-se linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação, que a AD pretende trabalhar, como destacou Pêcheux. Ainda a respeito dessa segunda exigência, Pêcheux ressalta que “a descrição de um enunciado ou de uma sequência coloca necessariamente em jogo (...) o discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado ou dessa sequência” (PÊCHEUX, 1983 / 2002, p. 54-55), o que justifica, em relação à AD, o termo de disciplina de interpretação.

A última consideração pontuada por Pêcheux diz respeito à natureza da discursividade, concebida como estrutura e acontecimento. Assim sendo, não é possível haver identificação plenamente bem sucedida no que diz respeito às filiações sócio-históricas, o que implica que, em AD, deve-se supor uma posição de trabalho que, ao promover descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, como efeitos de identificação assumidos ou negados.

Assumindo, com Pêcheux, esses pressupostos metodológicos de análise, empreenderemos uma abordagem do *corpus* que prevê momentos de descrição alternados com momentos de interpretação, como será possível perceber, mais claramente, no capítulo 5.

2. Considerações sobre a abordagem do *corpus*

Em função do nosso *corpus* de análise – discursos em relação polêmica dentro do campo do jornalismo de divulgação científica –, procuraremos, conforme Maingueneau, “pontos de imbricação semântica que abrem um acesso privilegiado à incompatibilidade global dos discursos” (Maingueneau, 2005, p. 113), já que, corroborando com o autor, a polêmica pode ser reveladora de uma interincompreensão.

Para procedermos à análise, assumiremos uma afirmação de Maingueneau (2005), segundo a qual é inútil discutir quem ataca e quem defende, pois, segundo ele, o fato que explica a polêmica é constitutivo dela, ou seja, já existe de forma independente. A polêmica é constitutiva do discurso, e, também, necessária, porque sem essa relação com o Outro, sem essa falta que torna possível sua própria completude, a identidade do discurso correria o risco de desfazer-se. Dessa forma, podemos dizer que o discurso não escapa à polêmica, assim como não escapa à interdiscursividade para se constituir.

Como, supostamente, a polêmica não se instaura pelos argumentos, podemos pensar, também por suposição, que o público não é convencido pelos argumentos expressos, mas pela própria enunciação desses argumentos por tal discurso, ou seja, pelo universo de sentido ao qual remete esse discurso. A partir disso, então, tentaremos entender de que maneira se constituem os universos de sentidos implicados nas polêmicas tratadas pelas reportagens e os efeitos de sentido(s) por elas acarretados.

Abordaremos o *corpus* atentando para as formas de heterogeneidade mostrada, especificamente para o discurso relatado, um dos recursos discursivos mais observados no material de análise em questão. Acreditamos que o discurso relatado exerça um papel muito importante na constituição das polêmicas abordadas pelas reportagens, funcionando também, como índice da tentativa de construção de um efeito de posição de neutralidade da *Superinteressante* frente às polêmicas.

Entretanto, é importante novamente ressaltar que, na perspectiva de Maingueneau, o discurso relatado, mesmo se tratando de uma marca localizável da presença do Outro no discurso, não representa uma ruptura com a irreducibilidade do interdiscurso. Trata-se apenas de um índice da presença desse Outro no Mesmo. Assim, a partir de um olhar que privilegia marcas de heterogeneidade, esperamos poder discutir e entender a relação existente entre os enunciadores, o modo de enunciação, a maneira como se dá a constituição do efeito de posição de neutralidade da *Superinteressante* no campo do jornalismo de divulgação científica.

CAPÍTULO 3

O JORNALISMO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E A *SUPERINTERESSANTE*

1. A divulgação científica

De acordo com os trabalhos de Zamboni (2001) e Olímpio (2006), a divulgação científica tem funções variadas e deve ser pensada em relação ao seu papel social, à sua linguagem, bem como na sua relação com o jornalismo científico.

Conforme afirmam os autores, quando pensamos no papel social da divulgação científica, temos que levar em conta a satisfação e curiosidade dos supostos leitores, bem como o vasto “oferecimento de dicas” em relação a fenômenos da natureza, da saúde, da educação, das novas tecnologias, das descobertas da ciência etc. Segundo Victorelli (2003), o homem possui uma certa curiosidade natural que pode e deve ser saciada pela divulgação científica e esta, por sua vez, deve estar ao alcance dos leitores, para que possam ter acesso às conquistas da ciência a fim de viverem em melhor qualidade de vida.

Nesse sentido, para Victorelli – e muitos outros autores – a divulgação científica tem um papel, antes de tudo, relacionado à transformação do conhecimento em relação a processos e produtos capazes de melhorar a qualidade de vida da humanidade. Como afirma, sem essa divulgação, “a Ciência se restringe aos próprios laboratórios que a geram, ou então, as políticas científicas ficam trancafiadas em burocráticos gabinetes, sem chegar ao seu destino original” (VICTORELLI, 2003, p. 101).

Em relação a esse aspecto, Authier-Revuz (1998), em *Palavras Incertas*, afirma que a divulgação científica é uma atividade em que se disseminam os conhecimentos produzidos para o grande público e não para a comunidade científica. Ela salienta que “essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e na visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem”. (1998, p. 107). Segundo essa autora existe uma *ruptura cultural* entre o grande público e a comunidade científica, que detém um certo poder ligado à competência, mas, mesmo assim, considera a divulgação científica aquém da “verdadeira formação”.

Orlandi (2001, p. 23), a esse respeito, afirma que “a ciência sai de si, sai de seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber, no cotidiano da vida social”. Nessa perspectiva, a divulgação científica é, para a autora, um processo de “exterioridade” da ciência, uma vez que o leitor da “ciência” mantém o lugar da ciência como um lugar ainda distante da sociedade. Orlandi (2001, p. 28) enfatiza a discussão afirmando que o leitor deveria, ao menos, relacionar-se com a ciência, buscando ocupar o lugar de um ser mais crítico nesse processo de produção da cientificidade, visto que a sociedade capitalista é “definida pela sua capacidade de produzir ciência”.

Desse modo, se pensarmos na divulgação científica em seu papel social, podemos dizer que ela tem a função de socializar o conhecimento produzido pelos cientistas, de modo a apresentar a ciência como algo realmente útil ao grande público, ou, ao menos, como algo que satisfaça a curiosidade desse público em relação a fenômenos não facilmente compreensíveis para o leigo.

Quando pensamos em divulgação científica, não podemos deixar de observar também o papel fundamental da linguagem; para tanto, nos pautaremos, mais uma vez, em Jacqueline Authier-Revuz (1998). De acordo com a autora, há necessidade de uma

certa reformulação da linguagem em textos de divulgação para que possa ocorrer a disseminação do saber científico, porque tem-se nessas condições de interação específicas, um novo interlocutor, não dotado dos saberes científicos.

Authier-Revuz salienta que, nos textos de divulgação científica, há uma estrutura enunciativa dupla, porque tais textos utilizam o discurso relatado, mostrando aos interlocutores, o quadro de enunciação de um discurso-fonte³⁴ e também de um discurso-segundo. Portanto, tem-se o discurso-fonte como objeto do discurso-segundo. Segundo a autora, o texto do discurso-segundo apóia-se explicitamente no discurso-fonte, mostrando-o em sua enunciação. Assim, “D2 mostra a enunciação do D1 que ele pretende relatar, ao mesmo tempo em que se mostra em uma atividade de relato” (1998, p. 114). Nesse sentido, para Authier-Revuz (1998), nos textos de divulgação científica, sempre há discurso relatado, havendo, sempre, portanto, uma dupla estrutura enunciativa forte e explicitamente posta nesses textos.

Considerando, pois, que em textos de divulgação científica aparecem os discursos-fonte e os discursos-segundos, a autora denomina as formas de D1 como científicas e as formas de D2 como quotidianas, afirmando que essas formas ora se justapõem, equivalendo-se metalinguisticamente, ora uma forma se sobrepõe à outra, servindo como ponto de referência para estabelecer a distância, metalinguisticamente marcada, em relação ao outro.

Conforme formulações da autora, as passagens do discurso científico ao discurso cotidiano, ou vice-versa, acontecem a todo instante e não em proveito de um ou de outro, mas alternadamente, reforçando a distância entre a língua científica (dos cientistas) e a língua dos leigos (imagem inexata e aproximada do original e das

³⁴ Authier-Revuz (1998) chama o discurso-fonte de D1 e o discurso-segundo de D2.

coisas)³⁵. Nos textos de DC, alternadamente, as palavras científicas e as do cotidiano se apresentam entre denotando o caráter de não pertencerem ao texto. Essa é, aliás, uma das funções das aspas, segundo explicações de Authier-Revuz (1998, p. 118), que afirma que “as palavras entre aspas são marcadas como pertencentes a um discurso outro”.

Apoiados nessas considerações de Jacqueline Authier-Revuz (1998), podemos, juntamente com as idéias de Bakhtin (1929/1986) a respeito da noção de dialogia, dizer que os textos de divulgação científica realizam um trabalho ostensivo sobre as palavras, que coloca o enunciador-divulgador em uma posição metalingüística de distância. Nesse sentido, podemos afirmar, também em concordância com os autores de base desse trabalho acima citados, que esses dois discursos, o científico e o do cotidiano, são postos em uma relação de estranhamento (de diálogo rompido entre a comunidade científica e a pública), mesmo tendo sido colocados em um discurso *um*, que, na sua heterogeneidade, institui a si próprio como um lugar de encontro desses dois discursos, e não somente como instrumento de transmissão. Isso nos permite afirmar que um discurso aparece no outro, ou, usando palavras bakhtinianas, que o discurso do “eu” é sempre marcado pelo discurso do “outro”. Nessa perspectiva, afirmamos que o texto de divulgação científica constitui-se como uma prática discursiva específica, por meio da qual um discurso explícito – o de DC – mostra-se dublando um “espetáculo” (vozes colocadas em cena) que, por sua vez, evidencia o caráter constitutivo do dialogismo na linguagem. Authier-Revuz vê, nesse processo em que, entre outras coisas, o discurso de divulgação científica representa a Ciência, um processo de construção de uma imagem “degradada” do texto científico.

³⁵ Definição utilizada pela própria Authier-Revuz em *Palavras Incertas: as não coincidências do dizer* (1998).

Orlandi (2001), a partir dessas formulações de Authier-Revuz (1998), salienta que o discurso de divulgação científica, por ter essa imagem “degradada”, cria um efeito de estigmatização do texto científico, originando uma supervalorização da ciência tida como formal e/ou oficial em detrimento de outros modos informais de circulação e/ou veiculação.

Orlandi (2001) ainda fala que o discurso de divulgação científica é um trabalho em que se alternam dois discursos diferentes, o científico e o jornalístico, todavia, não é uma somatória desses dois discursos, mas uma articulação específica com efeitos particulares em um jogo complexo de interpretação³⁶. Portanto, para a autora, o discurso de divulgação científica deve manter um certo grau de cientificidade e não necessariamente produzir conhecimento científico. Isso porque os discursos estão inseridos em campos de determinações e funções específicas e são instituições com práticas histórico-discursivas diferentes, cada qual com sentidos diferentes atribuídos à ciência.

Isso acontece, conforme Silva (2002, p. 133), porque a ciência e a divulgação científica têm princípios e objetivos diferentes. A primeira apresenta como princípio “o compromisso com o próprio saber (o conhecimento que está sendo produzido) e com o fazer tecnológico”, diferentemente do que ocorre com o jornalismo de divulgação científica, em que se tem a preocupação de disponibilizar ao público leigo uma certa “versão” de ciência e, concomitantemente, atrair um número significativo de leitores/consumidores. Assim, no campo da divulgação científica, temos uma certa “ciência” que se estabelece pelo não questionamento do fato científico, disponibilizando e/ou apresentando um resultado acabado a um público leigo.

³⁶ Orlandi (2001) nesse trabalho orienta-se pelos estudos feitos por Authier-Revuz (1998). Aqui optamos por citar Eni Orlandi por nos basearmos especificamente nas palavras por ela (re)formuladas. Authier (1998), neste caso, considera apenas como um caso de tradução, diferentemente de Orlandi (2001).

Para concluirmos nossa reflexão acerca do papel da divulgação científica, recorreremos novamente a Zamboni (2001). Segundo a autora, a divulgação científica é uma formulação de um novo discurso que é, sobretudo, diferente do discurso científico porque altera-se o lugar do destinatário (interlocutor) e, conseqüentemente, o lugar do enunciador. Então, se são outras as condições de produção, o discurso, inevitavelmente, será outro e não apenas uma reformulação do discurso científico³⁷. Zamboni (2001), nesse sentido, não toma o discurso de divulgação científica como uma atividade reformuladora, mas como um discurso “outro”, resultado de uma “atividade em condições de produção inteiramente outras” (2001, p. 59), ou seja, como uma *formulação de um novo discurso*.

Fundamentados em todas essas considerações, tomaremos o discurso de divulgação científica como uma prática discursiva que se realiza em um campo discursivo diferente do campo científico – valendo, inclusive, de diferentes gêneros de discurso (reportagens, livros didáticos etc). A esse campo nos referiremos, neste trabalho, como campo discursivo do jornalismo de divulgação científica. Temos, pois, aqui, um caso de difusão científica não voltada a especialistas, mas ao grande público, sendo que os gêneros desse campo – o do jornalismo de divulgação científica – restringem-se aos gêneros presentes no campo da imprensa.

2. Sobre a revista

A *Superinteressante* é uma revista que se propõe a oferecer ao leitor informações a respeito de diferentes temas considerados, em nossa sociedade, como curiosos, alternativos, incomuns, misteriosos, excêntricos, esotéricos e inexplicáveis

³⁷ Aqui, Zamboni (2001) marca uma diferença em relação às formulações de Authier-Revuz (1998). A primeira considera o discurso de divulgação científica como um discurso “outro”, que não o científico. Já Authier (1998) o considera como um discurso “degradado” da Ciência.

pela ciência. Alguns títulos de seções da revista, como Supernovas, Superpolêmica, Superintrigante, Superpapo, Superlegal, Supercult, Superfantástico são uma evidência desse perfil da revista. O uso do “super” aponta para a constituição de um lugar em que a revista se auto-valoriza, atribuindo a si um caráter de divulgadora de temas “interessantes”. Essas informações são provenientes da pesquisa feita no editorial da revista, bem como pela observação de diversas edições de anos e meses diferentes, inclusive dos sumários em que se apresentam as seções.

A partir de uma primeira observação dos números editados entre 2001 e 2006, pudemos perceber que a *Superinteressante* busca apresentar-se ao leitor como uma revista que aborda uma grande diversidade de assuntos. Todos eles, no entanto, conforme Mussalim (2004), apresentam uma marca em comum: são temas que instigam a curiosidade do leitor, seja por causa de uma descoberta científica, seja porque os fatos desafiam a ciência, seja por serem temas curiosos, excêntricos e esotéricos, seja por serem temas polêmicos. A revista aborda temas relacionados ao comportamento humano, à saúde, ao meio ambiente, à tecnologia, à história, à arte, às ciências em geral.

Podemos dizer, então, com base numa primeira análise panorâmica, que o foco da *Superinteressante* está na exploração de temas curiosos, alternativos e incomuns que a revista precisa propagar a fim de manter um público fiel e conquistar mais leitores. Isso não nos autoriza a dizer, entretanto, que tudo é uma questão de mercado; sabemos que é preciso também levar em conta os interesses dos leitores e da própria sociedade. Contudo, corroborando com Mussalim (2004), afirmamos que nenhum discurso é neutro e desprovido de interesses.

É nesse contexto que afirmamos, juntamente com Martins (2003), que as revistas têm uma indiscutível capacidade de atingir grupos de pessoas com interesses em comum. A revista *Superinteressante* não foge à regra. Ela busca atingir um

determinado segmento de mercado, isto é, um determinado grupo de leitores, interessado em ciência, curiosidades, mistérios, excentricidades. Por isso, talvez, a revista utiliza com abundância, segundo Fossey (2006), os infográficos, que autora chamou de quadros informativos de forte apelo visual que visam a resumir, misturando texto e ilustração, alguma informação considerada relevante e essencial da reportagem. Conforme Fossey (2006, p. 33), as seções da *Superinteressante* “‘mostram’ a informação e, entre os jornalistas, entende-se que facilitam a compreensão do texto por oferecer noção mais rápida e simplificada dos elementos essenciais da reportagem”.

Além dos infográficos – e mesmo nas reportagens que não se valem desse recurso – é possível perceber, na *Superinteressante*, a presença de muitas figuras, muitas fotos, muitas cores fortes e “convidativas”³⁸, criando um “cenário” de descontração para as reportagens, cenário esse que se apresenta como um traço particular da revista, no que se refere ao *modo de divulgar*.

É desse modo que a *Superinteressante* busca configurar-se como uma revista de divulgação científica interessante e convidativa, constituindo-se e instituindo uma forma de fazer jornalismo de divulgação científica por meio um cenário próprio, em que a presença legitimadora da ciência aparece com uma “nova face” alegre e jovial. O discurso relatado, a nosso ver, é a mais significativa forma de se trazer para esse cenário a voz da ciência.

Em relação ao sujeito-enunciador-divulgador do discurso de divulgação científica (no nosso caso, os jornalistas que escrevem as reportagens de capa), é possível dizer que ele ocupa um lugar de legitimação da ciência, visto que, como explica Authier-Revuz (2004), no nível enunciativo do discurso de divulgação, mesmo quando

³⁸ Fossey (2006) chamou as cores de “alegres”, mas, em nossa pesquisa preferimos denominar de convidativas pelo fato de as considerarmos como mais um meio de a revista chamar e / ou prender a atenção dos possíveis leitores ao universo criado como envolvente, agradável e atraente.

as referências à enunciação do discurso primeiro (fonte) da ciência são vagas³⁹, elas participam da remissão explícita a essa fonte, caracterizando o perfil dos textos de divulgação científica como sendo um gênero que confere significação sobre todo o conjunto de textos, mesmo sem nenhuma menção explícita a este exterior científico. Isso faz com que os leitores do gênero *divulgação científica* e, por extensão os leitores da revista, infiram que essas informações estão de fato relacionadas ao campo da ciência, porque a estrutura enunciativa desse campo discursivo “mostra”, através do texto e discurso, que sua fonte de informação está revestida pelo discurso da ciência e/ou de seus representantes por intermédio do jornalista-divulgador.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a *Superinteressante* traz para a cena enunciativa de divulgação científica a enunciação do campo da ciência, originando a dupla estrutura enunciativa que caracteriza a prática enunciativa da divulgação científica, de que já tratamos anteriormente. Então, já apontando para o lugar enunciativo que a revista ocupa no campo do jornalismo de divulgação científica, objetivo desse trabalho, podemos afirmar que ela, inserida nesse campo, constrói uma imagem de seu público-alvo e, em função disso, constrói uma imagem da ciência que se configura, a partir de seu lugar enunciativo, como uma prática curiosa, atraente, convidativa, encantadora e interessante, apesar de ser também uma prática lógica e racional.

³⁹ A autora está chamando de vagas as expressões como “segundo os químicos..., para os geofísicos..., os especialistas consideram..., diz-se, pensa-se, admite-se”.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DO *CORPUS*: A CONSTRUÇÃO DO EFEITO DE POSIÇÃO DE NEUTRALIDADE

1. Uma visada sobre o *corpus*

Como dissemos na introdução, com base numa análise inicial de várias reportagens de capa publicadas entre os anos de 2001 e 2005, foi possível observar que o tema da manutenção (ou não) da vida humana é bastante recorrente. Mais que isso, levantamos a hipótese de que é possível categorizar as reportagens que tratam desse tema em três subtemas, a saber: a) o tema em torno da medicina enquanto prática científica e terapêutica; b) o tema sobre medicamentos; c) o tema sobre a relação morte e vida. Dentre as reportagens que se incluem em cada um desses subtemas, selecionamos três⁴⁰ – uma referente ao item a; outra ao item b; outra ao c –, que julgamos representativas do funcionamento discursivo das demais reportagens selecionadas para cada subtema. Entretanto, numa etapa posterior, analisando mais de perto essas três reportagens, percebemos que, apesar de se incluírem em subtemas diferentes, elas apresentam muitas regularidades em comum, o que nos possibilitou formular a hipótese de que tais regularidades podem ser tomadas como referentes não às reportagens em si, mas ao funcionamento da polêmica discursiva, tal como ela se constitui a partir da posição enunciativa da revista *Superinteressante* no campo do jornalismo de divulgação científica.

Por esse motivo, dentre as três reportagens selecionadas, optamos por proceder a uma análise mais sistemática de apenas uma delas, a saber, da reportagem intitulada

⁴⁰ As três reportagens são: *Afinal, o que está acontecendo com a medicina?* (Ano 15, n. 5, maio/2001), representativa do subtema a (ANEXO A); *Vacinas: a cura ou a doença?* (Ano 15, n. 2, fevereiro/2001), representativa do subtema b (ANEXO B); e *Eutanásia* (Ano 15, n. 3, março/2001), representativa do subtema c (ANEXO C).

Afinal, o que está acontecendo com a medicina? (Ano 15, n.2 fevereiro/2001, p. 48-59), composta por duas matérias: “*A medicina doente*” e “*Um outro jeito de curar*”. A escolha se deu por julgarmos que essa reportagem, em especial, é bastante ilustrativa do modo como se dá a constituição do lugar enunciativo da *Superinteressante* no campo discursivo do jornalismo de divulgação científica, ou seja, do modo como a revista se posiciona, nesse campo, em relação a polêmicas instituídas no espaço discursivo em que se discute a temática de manutenção (ou não) da vida humana.

Passemos, então, à análise.

2. A análise

O primeiro ponto que gostaríamos de abordar em nossa análise é o título de uma das matérias que compõe a reportagem: “*A medicina doente*”. Esse título, bem como o seu subtítulo (“*Um conjunto de distorções abala a confiança nos médicos e expõe a crise sem precedentes por que passa a medicina*”), indicia a inscrição da revista em uma posição que assume o discurso da desestabilização da medicina tradicional, apontando para uma crise da alopatia.

Para desenvolver a matéria, o jornalista⁴¹ lança mão de algumas supostas evidências – contexto tecnológico que não atende às necessidades do homem no campo da saúde, estatísticas que apontam para uma disputa de terreno e de poder entre as duas vertentes médicas (a tradicional e alternativa), alto custo dos tratamentos alopáticos etc. – que “provam” a existência de uma crise na medicina tradicional. Ao mesmo tempo, entretanto, ele procura dar voz a posicionamentos contrários à existência dessa crise, na

⁴¹ Ao nos referirmos aos jornalistas que escreveram as reportagens analisadas, estaremos nos referindo à posição da revista *Superinteressante* no mercado editorial em que ela se inscreve, já que se trata de jornalistas que trabalham para a revista e não de matérias pagas.

tentativa de se constituir como mero mediador de uma polêmica já instaurada⁴² – antes e para além do espaço discursivo da reportagem – em torno do tema da crise da medicina alopática. É justamente aí que o nosso trabalho se inscreve, tentando mostrar que a revista, enquanto espaço midiático, não apenas coloca em cena temas polêmicos – como se fosse mera portadora de vozes sociais –, mas também os instaura, na medida em que se alia, conforme buscaremos mostrar, a posições que, de alguma maneira, fortalecem, no mercado editorial, sua identidade de revista “superinteressante” – que trata de temas alternativos, excêntricos, inexplicáveis pela ciência hegemônica ocidental. Dar voz a diferentes posicionamentos – no caso, contrário à medicina tradicional, de um lado, e a favor dessa medicina, de outro – frente a temas polêmicos, portanto, é apenas uma tentativa de construir um *efeito de neutralidade* (uma explicação discursiva para o mito da objetividade, transparência e neutralidade jornalísticas) frente às questões abordadas nas páginas da revista.

Logo no início da matéria, o jornalista expõe o problema (medicina tradicional doente), inserindo-o num contexto tecnológico moderno que não atende às necessidades do homem no campo da saúde; ao contrário, tem deixado o paciente cada vez mais insatisfeito. Entretanto, acreditamos que, na tentativa de mostrar-se neutro (no sentido de não “tomar partido” em favor de uma medicina em detrimento de outra) frente a essa questão, o jornalista traz para a polêmica a voz de um “outro” que, de algum modo, alinha-se à sua posição discursiva (e da revista, portanto), qual seja a de tentar mostrar que a medicina tradicional está realmente passando por uma séria crise. Podemos perceber isso se observarmos a citação do presidente da Associação Brasileira de Qualidade de Vida, Flávio Corrêa Próspero, posta em cena na reportagem: “*Em todos*

⁴² Pelo menos é nisso que a revista busca nos levar a crer.

os setores a sofisticação tecnológica reduziu custos e aumentou a satisfação do cliente, exceto na medicina”. (p.50)

Também como indício de uma exibição da crise, podemos destacar outros recursos, como, por exemplo, o uso de números e dados estatísticos:

o surgimento de novas doenças *“já soma 30000 itens”* (p. 50).

“82% dos pacientes superpõem a seus tratamentos na medicina oficial as terapias alternativas” (p. 50).

nos Estados Unidos *“35% da população já freqüenta consultórios de homeopatas, acupunturistas e outros terapeutas que não fazem uso de drogas químicas, os chamados remédios alopatas”* (p.50).

um número muito alto de pessoas (106.000), *“morrem devido a efeitos colaterais de medicamentos...”* (p. 50).

*“98000 americanos teriam morrido, no ano passado, vitimados por erros médicos grosseiros”*⁴³ (p. 50).

a assistência médica é o que menos influencia para que uma pessoa viva mais de 65 anos, *“apenas 10%, num conjunto em que o estilo de vida participa com 53%, as condições ambientais com 20% e a herança genética com 17%”* (p. 51).

Essas citações colocadas em cena na reportagem indiciam a existência de uma polêmica em torno da hegemonia da medicina alopática, apontando para uma disputa de terreno e de poder entre duas vertentes médicas – a tradicional e alternativa –, que não podem conviver pacificamente no mesmo campo, já que disputam espaço no terreno da medicina.

⁴³ A esse respeito, uma diretora de Serviços de Saúde do Instituto de Medicina, Janet Corrigan, afirma que acredita que esse número foi subestimado: *“O erro médico tem sido ocultado”* (p. 50).

Um outro ponto relevante, muito discutido na reportagem, é o alto custo dos tratamentos alopáticos. O jornalista afirma que os serviços médico-hospitalares nos Estados Unidos representaram, na última década, 15% do PIB americano, algo em torno de 1,3 trilhões de dólares. Esclarece ainda que no Brasil a assistência médica compõe 04% do PIB, 24 bilhões de dólares, e que a “indústria” da saúde cresce em torno de 15% ao ano. Afirma também que *“não há justificativa lógica para o fato de 51% dos partos no Estado de São Paulo acontecerem mediante operações cesarianas”* (p. 51-52). Mais uma vez, o jornalista traz à cena outra voz que se alinha a uma posição que coloca em xeque a hegemonia da alopatia – a opinião do psiquiatra paulistano e doutor em psicossomática Wilhelm Kenzler, segundo a qual:

- a) 85% dos exames solicitados pelos médicos apresentam resultado negativo;
- b) mais de 90% dos diagnósticos se resumem nas siglas NDN (nada digno de nota) ou DNV (distúrbio neurovegetativo, o mesmo que crise nervosa);
- c) mesmo não diagnosticando nenhuma doença física, a maioria dos pacientes volta para casa com uma receita de medicamento, quase sempre dispensável, levando a uma doença iatrogênica (causada por tratamento médico inadequado);
- d) se os pacientes não recebem uma receita ficam insatisfeitos porque, segundo o psiquiatra, a medicina está despersonalizada, tecnificada e mercantilizada.

Inscritos no lugar teórico da AD, podemos afirmar que a escolha do jornalista de mostrar ou ocultar informações a respeito da crise da medicina tradicional tem um efeito maior (ou diferente) daquele de apenas mediar a polêmica; tal escolha aponta fortemente para a hipótese de que a revista *Superinteressante* se inscreve numa posição enunciativa, frente à polêmica, que abre espaço para o discurso do alternativo, do “não-científico”, do esotérico, do místico, do espiritual, enfim, de um discurso *outro* que não seja o de uma cientificidade já consagrada e o de uma prática médica que busca, em detrimento da saúde dos pacientes, obter altos lucros. Nesse sentido é que supomos que a revista, inscrita no campo do jornalismo de divulgação científica, busca constituir-se em um lugar discursivo de confronto, de disputa de poder com outros lugares enunciativos que se alinham a posições hegemônicas do campo da ciência, visto que trazer à tona uma suposta falta de competência e ética dos médicos alopáticos não constitui uma prática de transparência da revista, mas o efeito de uma inscrição histórico-ideológica, isto é, de posições assumidas no interior de um campo discursivo.

Em contraponto a essa posição, e garantindo à medicina tradicional o direito de responder às críticas feitas a ela, o jornalista – numa tentativa de construir de si uma imagem de mediador neutro frente à polêmica – dá voz ao médico alopata Renato Sabbatini, que reage ao ataque desferido em direção à alopatia afirmando que “*não há nada de errado no modelo biomédico (...) a boa medicina é científica, apóia-se em evidências*” (p. 54). No entanto, logo a seguir, o jornalista, não abrindo muito espaço para as possíveis causas e justificativas da medicina tradicional apresentadas pelo médico Renato Sabbatini, continua levantando os problemas da prática da medicina oficial. Nesse percurso, o jornalista aponta, dentre outras coisas, a existência de um estudo que indica que 20% dos médicos americanos são dependentes do ópio (p. 55),

argumento que, indubitavelmente se configura numa tentativa de construir uma imagem negativa dos profissionais alopáticos.

Posteriormente, entretanto, o jornalista admite que, mesmo com as limitações e distorções atuais, a medicina convencional ainda é o recurso mais próximo e mais rápido para o enfrentamento de situações extremas no campo da saúde, mas, ao mesmo tempo, pontua sua não aceitação do fato de não se olhar para a hipótese de se utilizar terapias não-alopáticas para complementar o tratamento dos pacientes.

É desse modo pendular – alternando entre os movimentos enunciativos de constatação da hegemonia da medicina alopática (apesar de seus problemas), e de “defesa” da medicina alternativa como uma boa possibilidade de tratamento médico – que a revista busca constituir-se em um lugar enunciativo que aponta para evidências de que estamos caminhando (ou que, pelo menos, deveríamos estar) em direção a um novo paradigma científico e que, minimamente, a divisão de terreno entre a medicina convencional e a medicina alternativa no campo de tratamentos da saúde é (ou será) inevitável.

Na tentativa de marcar a posição da revista frente a essa questão, o jornalista vai construindo, por meio de números, estatísticas, porcentagens e opiniões de autoridades no assunto (como o fez para apresentar a crise da medicina convencional), um cenário em que a medicina alternativa cresce em relevância no campo de tratamentos de saúde nos últimos tempos:

“75% das escolas de medicina dos Estados Unidos oferecem cursos de especialização em terapias alternativas” (p. 56);

“270 milhões de americanos costuma recorrer a algum tipo de tratamento não-convencional” (p. 56);

a medicina alternativa já *“movimenta 30 bilhões de dólares por ano nos Estados Unidos”* (p. 56);

o país *“possui cerca de 14000 médicos homeopatas, 48 vezes mais do que há duas décadas”* (p. 56);

“mais de 5000 médicos se dedicam à acupuntura no país, outra terapia alternativa só há pouco elevada à condição de especialidade médica” (pp. 56-57);

“cresce o número de médicos alopatas, formados à luz da medicina oficial, que promovem reuniões discretas e encontros públicos nos quais as terapias alternativas são apresentadas como métodos substitutivos de tratamentos baseados em drogas e cirurgias” (p. 57).

Essas citações, conforme já dissemos, apontam para a tese de que a medicina alternativa ganha espaço a cada dia. Entretanto, se analisarmos mais de perto os dados referentes à medicina não convencional, colocados à disposição do leitor por meio dessas citações, poderemos notar que, mais que supostas evidências, trata-se de uma tomada de posição da revista, instauradora, a qualquer custo, de um lugar enunciativo que depõe contra o discurso da cientificidade consagrada e hegemônica. Trata-se, assim, de uma tentativa de instauração de uma posição que intenta constituir, num campo repleto de embates ideológicos, o espaço discursivo da medicina alternativa (não convencional). Faremos, então, a seguir, algumas breves considerações sobre as supostas evidências do crescimento dos tratamentos alternativos, colocadas em cena pelas citações.

Ao se afirmar, por exemplo, que 75% das escolas de medicina dos Estados Unidos oferecem cursos de especialização em terapias alternativas, omite-se, em contraponto, que, na maioria dessas escolas, a medicina alternativa não é tratada como formação médica obrigatória. Do mesmo modo, quando se constata que 270 milhões de americanos recorrem a tratamentos alternativos, não se informa a porcentagem desses

pacientes que insistiram no tratamento, deixando, portanto, em aberto, evidências que comprovem a eficácia da medicina não convencional. Em relação aos 30 bilhões de dólares movimentados pela medicina alternativa, podemos dizer que esse dado torna-se sem crédito, se o compararmos aos 400 bilhões de dólares que a medicina convencional movimenta por ano, omitidos, ali, pelo jornalista. A respeito dos 14000 médicos homeopatas e dos 5000 que se dedicam à acupuntura, o que temos a ressaltar é a não menção ao número de médicos alopatas que estão atuando no campo da medicina. Por fim, quanto à referência ao crescimento dos alopatas que acreditam em práticas alternativas, é possível se questionar a origem dessa informação e a quantidade inexata desse crescimento.

Assim, com base nessa sequência de considerações e em todas as outras pontuadas até aqui, podemos dizer que a revista *Superinteressante*, frente a essa polêmica, alinha-se à posição da medicina alternativa, uma vez que tenta constituir sua identidade enunciativa, no campo do jornalismo de divulgação científica, inscrita em uma posição que, conforme já apontado, depõe contra o discurso da cientificidade consagrada e hegemônica e instaura um espaço outro que, em linhas gerais, poderíamos caracterizá-lo como o espaço do alternativo e do esotérico.

Uma última consideração, que vem corroborar nossa hipótese sobre a identidade da revista *Superinteressante* no campo do jornalismo de divulgação científica, diz respeito à forma como o jornalista dá voz, na polêmica, à posição discursiva da medicina alternativa e à posição discursiva da medicina convencional. Ao homeopata, por exemplo, atribui um caráter de cientificidade às suas falas, colocando em cena argumentos de natureza científica, além de construir uma imagem de profissional sério que, mesmo frente aos ataques sofridos por parte da medicina convencional, mantém uma postura ética na polêmica (cf. anexo da reportagem, p. 57-58). Ao alopata, atribui

um caráter de “deboche” às suas falas, devido ao tom irônico e pessoal de suas colocações a respeito da homeopatia (homeopatia é “bobagem”, “fraude”; seus remédios são “bolinhas de açúcar” (p.57-58)), o que acaba por construir uma imagem de profissional anti-ético. Em outras palavras, o que apontamos aqui em relação ao modo como foram selecionadas as citações de alopatas e homeopatas, indicia, mais uma vez, o que vimos falando a respeito da posição enunciativa da *Superinteressante*, que, de forma alguma, posiciona-se neutramente frente à polêmica. Assim, dar voz a diferentes posições enunciativas configura-se apenas como uma tentativa de construção de um efeito de neutralidade por parte da revista, que, mesmo diante de tantas evidências de sua não neutralidade, busca construir uma imagem de si de mera mediadora da polêmica.

Com essa análise, esperamos ter permitido perceber o modo como se dá a constituição do lugar enunciativo da *Superinteressante* no campo discursivo de divulgação científica, ou seja, o modo como a revista se posiciona em relação a polêmicas instituídas no espaço discursivo em que se discute a temática de manutenção (ou não) da vida humana, no campo do jornalismo de divulgação científica, propósito central de nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, a análise que acabamos de fazer corrobora a nossa hipótese inicial de que o efeito de posição de neutralidade da revista *Superinteressante* frente às questões polêmicas decorre do modo como os jornalistas mobilizam as diversas vozes colocadas em cena por meio do discurso relatado, ou seja, decorre da regularidade dos movimentos enunciativos que apresentam, de modo pendular (por alternância), as vozes representativas das diferentes posições envolvidas na polêmica discursiva. Esse efeito de posição de neutralidade da *Superinteressante*, em que a revista busca marcar uma posição de mera divulgadora frente às questões abordadas, decorre também dos recursos discursivos dos quais os jornalistas se valem para construir as reportagens, como números, estatísticas, porcentagens e opiniões de autoridades no assunto.

Foi por esse caminho que tentamos entender (e se fazer entender) o modo como se dá a constituição do lugar enunciativo da revista *Superinteressante* no campo discursivo do jornalismo de divulgação científica, debruçando-nos, especificamente sobre reportagens de capa que colocam em discussão a temática de manutenção (ou não) da vida humana.

No percurso que realizamos, percebemos que a revista traz para a cena enunciativa de divulgação científica a enunciação do campo da ciência, originado o que Authier-Revuz (2004) chama de dupla estrutura enunciativa, característica da prática enunciativa de divulgação. Nessa sua prática enunciativa, a *Superinteressante* constrói uma imagem de ciência que se configura como atraente, convidativa, encantadora e interessante,

transformando o discurso técnico da ciência hegemônica em um discurso “leve”, informal, descompromissado com o rigor formal e compatível com as exigências e com os anseios da juventude moderna, público ao qual se destina a revista. Assim, o sujeito-enunciador das reportagens apresenta-se como um divulgador que tem competências específicas, a saber, a de compreender as complexidades da ciência e a de traduzi-las em nível de “bate-papo” com os leitores.

Esperamos, neste trabalho, ter cumprido o que nos propusemos a fazer no início de nossa pesquisa, e que seu efeito seja, ao menos, o de suscitar novos questionamentos e, em decorrência, novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a Transparência e a Opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2004.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1986. (Original russo, 1929)

BAKHTIN, Mikail. *Estética da Criação Verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal). (Original russo, 1979).

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987

FOSSEY, Marcela Franco. *A semântica global em duas revistas de divulgação científica: Pesquisa FAPESP e Superinteressante*. Dissertação de Mestrado apresentada à UNICAMP. Campinas – SP, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Campinas, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Trad. Freda Indursky. Campinas, 1997.

MARTINS, Z. *Propaganda é isso aí!* v. 2. São Paulo: Futura, 2003.

MUSSALIM, Fernanda. *Linguagem: práticas de leitura e escrita*. Livro do Estudante. São Paulo: Global/Ação Educativa, 2004. (Coleção Viver Aprender)

____ *Linguagem: práticas de leitura e escrita. Livro de Professores.* São Paulo: Global/Ação Educativa, 2004. (Coleção Viver Aprender)

OLÍMPIO, Adriane Mattos. *Gêneros do discurso, ciência e jornalismo: o tema as saúde em reportagens de capa da superinteressante.* Dissertação de Mestrado apresentada à USP. 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Divulgação científica e efeito leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia, sociedade.* Campinas: Pontes, p. 21 - 30, 2001.

PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.* Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

____ *O discurso: estrutura ou acontecimento.* Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed. Campinas – SP: Pontes, 2002. (original, 1983)

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F., BENTES, A. B. *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos.* v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, T.D. Jornalismo e a divulgação científica. In: RUA: Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP – NUDECRI. Campinas, n. 8, p. 129 – 146, 2002.

VICTORELLI, Luís. A ciência na gaveta: um estudo da ciência versus divulgação científica. 2003, Dissertação de Mestrado em Comunicação, ECA / USP, São Paulo.

ZAMBONI, Lílían Márcia Simões. *Cientistas, jornalistas e a divulgação científica: subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica.* Campinas, SP: Autores Associados, 2001

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS
COMPLEMENTARES

BAKHTIN, Mikail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. São Paulo: unesp / Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra, 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. (Original russo, 1963).

BUENO, W. C. Jornalismo científico no Brasil: uma prática dependente. Tese de Doutorado, ECA / USP, São Paulo, 1984.

GUIMARÃES, E. A ciência entre as políticas científicas e a mídia. In: GUIMARÃES, E. (Org.). *Produção e circulação do conhecimento: estado, mídia, sociedade*. Campinas: Pontes, p. 73 – 79, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da Enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba – PR: Criar Edições, 2006.

POSSENTI, Sírio. O sujeito fora do arquivo. In: MAGALHÃES, I. (Org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

SANDMANN, Antônio. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 1993. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).